

TRANSFEMINICÍDIO E LESBOCÍDIO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19: UMA ANÁLISE A PARTIR DO ISOLAMENTO SOCIAL NA ARGENTINA E NO BRASIL¹

Júlia Spigolon Xavier

Graduanda do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, bolsista do CNPq, juliaspigolonx99@gmail.com;

Bruna Andrade Irineu

Orientadora e Professora do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, brunairineu@gmail.com

Resumo

A pesquisa de Iniciação Científica analisa a volatilidade do fenômeno pandêmico em nível mundial atentado especialmente aos dados dos órgãos de políticas públicas para mulheres, considerando o contexto latino-americano, especificamente no Brasil e na Argentina. Analisa-se o aumento dos índices de transfeminicídio e lesbocídio durante o período de isolamento social por conta da COVID-19. Dessa forma, a pesquisa documental desenvolveu-se acerca dos efeitos da pandemia quanto às violências e o agravamento dessas para as mulheres lésbicas, transexuais e travestis. Já a pesquisa bibliográfica partiu das categorias: feminismos, sexualidade, gênero, classe social e raça, a partir das obras de Audre Lorde, Cinzia Arruzza, Milena Peres, Bruna Irineu, Joana Alencar, Raewyn Connel, Judith Butler. Enquanto resultado parcial, identificou-se coproduções saberes que tem denunciado a situação das pessoas LGBTI e a vulnerabilidade decorrente dos efeitos do coronavírus. Este resumo deverá ser utilizado no formulário de submissão do trabalho no ato da submissão.

Palavras-chave: Transfeminicídio, Lesbocídio, Violência, COVID-19.

¹ Estudo vinculado ao projeto de pesquisa: Participação Social e Políticas Públicas LGBTI: mapeamento crítico feminista das experiências no Brasil, Argentina, Colômbia e Uruguai (2002-2017);

Introdução

O presente trabalho é fruto da pesquisa de Iniciação Científica que busca analisar, no contexto pandêmico, os dados dos órgãos de políticas públicas para mulheres do Brasil e da Argentina acerca dos índices de transfeminicídio e lesbocídio. Considerando então esses debates centrais, é possível observar que a pandemia de COVID-19 perpassam dimensões que se articulam com gênero, sexualidade, raça, etnia e classe social, enfatizando os grupos que mais sofrem violências cotidianamente nesse contexto, especialmente por entender que, o isolamento social sendo uma das maiores indicações para o combate contra o vírus, automaticamente se torna também um ponto para um alto índice de violência familiar, particularmente contra pessoas LGBTI e mulheres.

Com isso, nota-se um aumento destes números de violência e mortes durante o período de isolamento social e percebe-se a volatilidade do fenômeno pandêmico em nível global, fazendo com que seja analisado os limites das regulamentações jurídico-legais nos países supracitados, assim como o aumento dos índices de transfeminicídio e lesbocídio durante esse momento, considerando também as tensões dos movimentos sociais feministas e LGBTI por reconhecimento do risco e da vulnerabilidade que o confinamento doméstico pode promover às vidas que não se conformam as normas sociais.

Dessa forma, o objetivo dessa pesquisa é identificar as conexões de violência entre as mulheres lésbicas, transexuais e travestis no Brasil e na Argentina durante a pandemia de COVID-19, sendo importante acentuar ainda que as demandas e leis direcionadas ao público LGBTI e mulheres passaram por avanços, que sem dúvidas foram e são essenciais para ambas as comunidades nos últimos anos; porém, ponderando o contexto citado acima e de diversos ataques em várias áreas do poder público, sofremos retrocessos no Brasil e também na Argentina, mesmo com tantas conquistas também importantes. Nesse aspecto, essa pesquisa busca evidenciar que, mesmo o isolamento social sendo uma das medidas mais seguras para o menor contágio do coronavírus, essa ação também resulta num contexto de aumento de violência doméstica, de feminicídio, de mortes e abusos com pessoas LGBTI.

Além disso, pretende-se mapear e identificar as conexões de violência entre as mulheres lésbicas, transexuais e travestis e o entendimento sobre feminicídio no Brasil e na Argentina durante a situação de isolamento social; além de observar as dimensões que estão postas para esse público, como gênero, raça, etnia, sexualidade e classe social na pandemia de COVID-19 ligadas à violência cometida nesses tempos.

Desse modo, este é um tema extremamente necessário de ser debatido dentro da nossa comunidade, sobretudo, levando em conta o momento atual que, além de ser um marco histórico, também está vigente no Brasil um governo negligente, que diariamente ataca e descredibiliza a comunidade LGBTI, as mulheres, os movimentos sociais, a população negra, a população pobre e periférica que são as que mais sofrem as indiferenças que estão postas na inviabilidade das políticas públicas especialmente na atual conjuntura.

Metodologia

Essa pesquisa e estudo se caracteriza enquanto uma pesquisa bibliográfica e documental, onde ambas têm o documento como objeto de investigação. Dessa forma, Sá-Silva Et. AL. (2009, p. 5) aponta que “[...] o conceito de documento ultrapassa a idéia de textos escritos e/ou impressos. O documento como fonte de pesquisa pode ser escrito e não escrito, tais como filmes, vídeos, slides, fotografias ou pôsteres”. Essa pesquisa é tida também enquanto uma abordagem qualitativa que, conforme explica Martinelli (1999), é o tipo de pesquisa que se insere na busca de evidenciar as experiências e vivências sociais dos sujeitos e sobre a dimensão política da pesquisa como construção coletiva. A partir disso, fizemos um levantamento acerca de conteúdos que discutam sobre temáticas como o feminismo, num sentido decolonial, elegendo também bibliografias que abordem os efeitos da pandemia no agravamento das violências, especialmente aquelas contra lésbicas, mulheres transexuais e travestis.

Para isso, há um enfoque na necessidade de buscar entender sobre a opressão de gênero, sobre sexualidade, identidade de gênero e como isso afeta na vivência social dessas pessoas LGBTI, buscando informações disso especialmente em tempos de pandemia de COVID-19, para este efeito, utilizamos autoras como: Judith Butler, Sophie Lewys, Raewyn Connel, Joana Alencar, Milena Peres, Audre Lorde,

entre outras. A análise documental, como indica Lüdke e André (1986, p. 38), “[...] pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” e se dará tendo como corpus da pesquisa alguns dados iniciais que pontuem as questões da temática, como: o Mapa da Violência, Relatório da ANTRA, Dossiê do Lesbocídio (Brasil); e os relatórios/informes do Observatório das Violências de Gênero (Argentina).

Referencial teórico

Inicialmente, é preciso compreender que o contexto pandêmico está envolto em contradições e, quando analisamos algumas questões em relação à pandemia, conseguimos analisar que o vírus da COVID-19 não atinge de forma igual à vida de todas as pessoas, pensando aqui então especialmente na situação de mulheres e da população LGBTI, que já eram e continuam sendo grupos que muitas vezes viviam e vivem em situação de violência, sendo estas diversas e também de vulnerabilidade. Assim, conforme aponta Milanez Et. Al. (2020, p. 90), “[...] estas situações são agravadas pelo cenário pandêmico e pela crise econômica e políticas já instaladas no Brasil desde o golpe político-institucional de 2016, que resultou no impeachment da presidenta Dilma Roussef.”. Sabe-se que historicamente nossa sociedade é formada e sustentada sob visões e atitudes héteropatriarcais e conservadoras onde mulheres são violentadas, diminuídas e impossibilitadas de diversas maneiras, especialmente quando essas não coadunam com as normas de gênero e sexualidade socialmente estabelecida. Quando essas mulheres são lésbicas, transexuais e travestis, então, a violência e o descaso se agravam, e por isso a importância de debater e evidenciar a situação que está posta para essas mulheres, particularmente nessa atual situação que vivemos que é a pandemia.

Conforme apontado no próprio título do presente trabalho, é preciso analisar a política de isolamento, que é um dos principais métodos de combate ao coronavírus e que, contraditoriamente, se torna uma situação que agrava mais as situações de violências, já que na maioria dos casos essas mulheres estão tendo uma maior convivência com seus agressores no âmbito familiar e, para entender isso, é necessário que tenhamos a compreensão de que o patriarcado é tido como opressão presente na base da construção social. Logo, aprofundar sobre

essa situação especialmente em tempos pandêmicos, que para além disso, é um contexto envolto de intensos conflitos políticos, com a questão da desigualdade social e econômica muito presente, evidenciando-se essas violências com mulheres trans, travestis e lésbicas, que muitas vezes se tornam no assassinato dessas, sendo então o transfeminicídio e o lesbocídio, é extremamente necessário e, expor as informações acerca desses temas para a sociedade, faz parte do papel de todo e qualquer indivíduo que pense políticas públicas de apoio para com essas mulheres e a população LGBTI.

Dessa forma, é essencial que fique evidente que historicamente temos o chamado feminicídio, que é o ato de assassinar mulheres simplesmente por serem mulheres e que essa realidade posta na sociedade patriarcal e machista, que foi construída sob a opressão de gênero é vivenciada cotidianamente e tem correlação direta com o Estado neoliberal vigente que visualiza a violência dos corpos ditos femininos, incluindo também as mulheres transexuais, travestis e lésbicas, sendo aliás preciso identificar essa ação enquanto uma lei que defenda essas mulheres e um crime, que como aponta Messeder e Gil (2020, p. 143) “Atualmente, 17 países latino-americanos tipificam o feminicídio. O Brasil foi o último a fazê-lo, em 9 de março de 2015, sob o auspício da Lei 13.104”. Partindo disso, podemos observar o quanto a violência de gênero contra a mulher é séria e concreta, tendo sua visibilidade cada vez maior nas mídias sociais, nos debates, mas ainda assim com uma falha gigantesca na efetivação da justiça para com esse público, que muitas vezes continua sendo invisibilizado e menosprezado, mesmo com a existência de políticas públicas que apoiem e evidenciam a situação dessas mulheres.

Ademais, dialogando com a questão de gênero e o caos do qual estamos vivenciando que é a pandemia, é possível percebermos que homens e mulheres são afetados de forma diferente por doenças, já que no caso das mulheres, diversos outros pontos estão associados à essa situação, como a conjuntura socioeconômica, classe social, raça, etnia, acesso aos cuidados, sendo extremamente importante a compreensão desses processos de vulnerabilidade para com as mulheres lésbicas, transexuais e travestis, que em sua maioria estão postas à margem da sociedade (PIMENTA Et. Al. 2021, p. 160). Com isso, quando falamos da violência de gênero e da situação dessas mulheres no contexto pandêmico, é preciso indicar também que se trata de uma questão de saúde e sobrevivência nesse meio, e que o impacto da

quarentena e/ou isolamento social está ligado a essas situações também, já que com essas medidas, há a dificuldade no acesso e “[...] na prestação dos serviços de atendimento e enfrentamento a situações de violência doméstica como as instituições de segurança pública e justiça e assistência social [...]” (ALENCAR Et. Al. 2020, p. 8).

Para podermos situar todas essas violências e opressões vivenciadas por essas mulheres transexuais, travestis e lésbicas, é fundamental explicitar que essas mulheres assim como a população LGBTI se encontram, historicamente, em situações de vulnerabilidade e marginalidade, como supracitado, e são inseridas dessa forma na sociedade capitalista. Sendo assim, focando nesses quesitos, é preciso mencionar o transfeminicídio, que é caracterizado a partir da ação de assassinar mulheres transexuais e travestis simplesmente por elas serem quem são, sendo essa atitude tomada por extremo ódio e por uma política que é intencional para com essa parte da população, que sofre repulsa pela sociedade pela identidade e expressão de gênero. Já o lesbocídio se dá numa intensa antipatia acerca da orientação sexual dessas mulheres, resultando também na morte destas e por não ser aceita pela sociedade heteronormativa e patriarcal pela sua existência. Desse modo, pesquisar, discutir e expor as circunstâncias das vidas dessas mulheres é excepcional e precisa ser pensada por toda sociedade, em seus diversos âmbitos e de uma forma crítica, fazendo com que tenhamos em mente que esse não é o modelo de ordem societária que iremos aceitar, que despreza as mulheres e a população LGBTI, que está dada com várias problemáticas sociais e que necessitam ser pensadas.

Resultados e discussão

Nos anos de 2002-2016, a Argentina e o Brasil avançaram no outorgamento das demandas de mulheres e LGBTI, como apresenta Irineu et. al. (2019). O matrimônio LGBT, as leis de identidade de gênero e de feminicídio são algumas delas, do mesmo modo que o poder executivo promoveu políticas públicas de equidade de gênero.

Os anos posteriores sofrem as consequências do impeachment de Dilma, produto do avanço neoconservador no país, que culmina com a eleição do atual presidente. O Brasil se torna um laboratório da ofensiva antigênero e do ultraliberalismo, onde a regressão de direitos vai

se agudizar, especialmente no atual contexto pandêmico, com cortes nos recursos financeiros e ataques às liberdades democráticas.

Dentre algumas pesquisas, encontramos o coletivo #VoteLGBT que há alguns anos pesquisa e foca nas pautas do movimento LGBT, analisando gênero, raça e classe social também. Este coletivo, então, considerando a situação pandêmica, fez questão de fazer uma pesquisa acerca das circunstâncias em que vivem as pessoas LGBT. Com esse estudo, é escancarada a vulnerabilidade que está dada a várias pessoas que fazem parte da comunidade LGBTI, ficando explícito que com a existência do coronavírus, as formas de violência são diversas e que isso afeta de diferentes formas a vida e a forma de sobrevivência dessa população.

O #VoteLGBT, no ano de 2020, aponta que cerca de 54% de pessoas LGBT+ afirmam precisar de apoio psicológico, e ao que indica, os ataques que essas pessoas vivenciam e que gera a necessidade de algum tipo de ajuda, vem das suas famílias. E quando é feita uma maior análise das pessoas que fazem parte dessa estatística, observa-se que em média 46% desse público que se encontra mais vulnerável emocionalmente na pandemia são mulheres lésbicas, pansexuais e bissexuais e pessoas com identidades femininas e não-binárias.

De acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), houve cerca de 90% de aumento no número de mortes de pessoas transexuais e travestis somente nos primeiros dois meses de 2020 – importante ressaltar que esse número é do que foi denunciado e reportado. Vale evidenciar aqui que, a ANTRA afirma que, especialmente as mulheres trans e travestis que foram as pessoas que tiveram o maior índice de mortes nesses tempos de pandemia, sendo também que a grande maioria dessas mulheres não tiveram acesso às políticas emergenciais devido ao histórico de precarização que sempre foi posta na vida das mesmas.

Dessa maneira, analisando os dados encontrados, a ANTRA (Associação Nacional de Trans e Travestis) reflete que:

Acreditava-se que durante a pandemia do COVID-19, os índices de assassinato poderiam diminuir como aconteceu em outras parcelas da população, pela necessidade do isolamento social colocado em muitas cidades/estados. Mas quando vemos que o assassinato de pessoas trans aumentou, temos um cenário onde os fatores sociais se intensificam e tem

impactado a vida das pessoas trans, especialmente as travestis e mulheres transexuais trabalhadoras sexuais, que seguem exercendo seu trabalho nas ruas para ter garantida sua subsistência, visto que a maioria não conseguiu acesso as políticas emergenciais do estado devido a precarização histórica de suas vidas. (ANTRA, 2020).

Analisando um outro documento e pesquisa realizada pela Associação Nacional de Trans e Travestis, temos o Dossiê Trans de 2020, que revelam que 94,8% da população trans afirmam terem sofrido algum tipo de violência motivada por discriminação devido à sua identidade de gênero. Já no primeiro boletim realizado também pela ANTRA, é apontado que em alguns dados parciais de 2021, os assassinatos continuam recorrentes contra as pessoas transexuais e travestis contra vítimas cada vez mais jovens. nos primeiros 4 meses, foi identificado no Brasil o marco de 56 assassinatos de pessoas transexuais e travestis, sendo que 54 dessas pessoas são mulheres trans e travestis.

Como visto, esses dados apresentam números exorbitantes que deveriam ser questionados e indagados pela sociedade e principalmente pelo governo, já que essas atitudes e todas essas violências levantas deixam explícitas a necessidade de tomadas urgentes para com a comunidade LGBTI, pensando a sua melhoria de vida, de sobrevivência e não deixando imperceptível essas problemáticas que se desmembram cotidianamente.

Considerações finais

Judith Butler (2020) afirmou recentemente que o contexto de isolamento social para enfrentamento à pandemia de coronavírus demonstra nossa interdependência global no novo tempo e espaço. Embora o isolamento social venha sendo evidenciado como caminho para redução dos números da pandemia, a medida pode ampliar contexto de violência doméstica como o feminicídio, LGBTIfobia e violência sexual, por exemplo. Do mesmo modo que somos solicitados ao recolhimento doméstico e a privação de contato social, também vemos a transposição de fronteiras entre territórios nacionais.

Desta forma, após toda a discussão estabelecida, é preciso enfatizar a importância e relevância que esse debate tem na sociedade e na

construção de crítica sob as políticas públicas, muitas vezes ineficientes. É necessário pensar a primordialidade de políticas que foquem no controle dos homicídios e violências contra as mulheres e contra a população LGBTI, pensando os fatores em que essa comunidade está posta acerca de sua raça, sexualidade, identidade de gênero, classe social, situação sócio econômica e gênero, fazendo considerações concretas dos aspectos que fazem esse grupo ser vítima de mortes intencionadas e violentas no país.

Agradecimentos

Agradecemos ao CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa) pelo financiamento da bolsa científica.

Referências

ALENCAR, Joana; STUKER, Paola; TOKARSKI, Carolina; ALVES, Iara; ANDRADE, Krislane de. Políticas públicas e violência baseada no gênero durante a pandemia da COVID-ações presentes, ausentes e recomendadas. **NOTA TÉCNICA Disoc (Diretoria de Estudos e Políticas Sociais)**, n. 78, 2020.

ANTRA. Assassinatos contra travestis e transexuais em 2021. Boletim N°01/2021. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/05/boletim-001-2021.pdf>>. Acesso em: 22/05/2021.

ANTRA. Relatório de Assassinatos de Pessoas Trans. Disponível em: <https://antrabrasil.org/2020/05/03/assassinatos-de-pessoas-trans-voltam-a-subir-em-2020/#_ftn3>. Acesso em: 20/05/2021.

BUTLER, Judith. **O capitalismo tem seus limites**. Blog da Boitempo, 2020. Disponível em: <<<https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/20/judith-butler-sobre-o-covid-19-ocapitalismo-tem-seus-limites/>>> Acesso em: 19/05/2021.

Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020 / Bruna G. Benevides, Sayonara Naider Bonfim Nogueira (Orgs). – São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. - São Paulo: EPU, 1986 (Temas básicos de educação e ensino). Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4091392/mod_resource/content/1/Lud_And_cap3.pdf> Acesso: 14/05/2021.

MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., and SEGATA, J. **Os impactos sociais da COVID-19 no Brasil - populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [online]**. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021.

MESSEDER, Suely Aldir; GIL, Lenade Barretos Santos. **Violência em tempos de COVID-o feminino nos corpos trans - um debate em prol de uma coalizãp feminista**. Revista Espaço Acadêmico, n. 224 - set./out. 2020 - bimestral. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/55032/751375150783>> Acesso em: 20/05/2021.

MILANEZ, Letícia de Sousa; FERREIRA, Breno de Oliveira; PEDROSA, José Ivo dos Santos. **Impactos da pandemia da Covid-19 na saúde das mulheres lésbicas**. REBEH, V.3, N. 11 (2020). Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/11237>> Acesso em: 21/05/2021.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História & <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/55032/751375150783>> Acesso em: 14/05/2021.

VOTE LGBT. Diagnóstico LGBTI na pandemia. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/5b310b91af2096e89a5bc1f5/t/5ef78351fb8ae15cc0e0b5a3/1593279420604/%5Bvote+lgbt+%2B+box1824%5D+diagno%CC%81stico+LGBT%2B+na+pandemia_completo.pdf> Acesso em: 20/05/2021.